

ARTIGO

**AMERICAN/UN-AMERICAN: REPRESENTAÇÃO COMO DISPUTA  
IDEOLÓGICA ENTRE DISCURSOS CONCORRENTES**

*(American/Un-American: representation as ideological dispute between competing discourses)*

Rebeca Leite Camarotto <sup>1</sup>  
(Universidade de São Paulo)

Luciana Carvalho Fonseca <sup>2</sup>  
(Universidade de São Paulo)

Recebido em: julho de 2020  
Aceito em: fevereiro de 2021  
DOI: 10.26512/les.v22i1.32920

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos da Tradução pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Tradg. uora e assistente acadêmica da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo. (relc@usp.br).

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DLM/FFLCH/USP). Advogada e tradutora e intérprete em contextos jurídicos (lucianacarvalhof@usp.br).

## RESUMO

*Em 1947, dez roteiristas de Hollywood recusaram-se a cooperar com uma comissão parlamentar de inquérito que investigava suposta inserção de propaganda soviética nos filmes. Analisamos como a oposição política entre os membros do comitê e os dez depoentes é articulada no discurso. Para isso, selecionamos alguns trechos do discurso de J. Parnell Thomas e do depoimento de Albert Maltz em que cada lado operacionaliza sua ideologia subjacente, conforme categorias de Thompson (1990) e Fairclough (2003). Concluímos que há uma disputa hegemônica em torno do significado dos termos “American” e “Un-American”, entre dois modos de representação da nação estadunidense, que permanece até os dias de hoje.*

**Palavras-chave:** Hollywood. Antiamericanismo. Ideologia. Análise Crítica do Discurso.

## ABSTRACT

*In 1947, ten Hollywood screenwriters refused to cooperate with a House committee which was investigating alleged soviet propaganda inserted in films. We analysed how the political opposition between the committee members and the ten witnesses is articulated within the discourse. To this end, we selected some excerpts from J. Parnell Thomas’ speech and Albert Maltz’s testimony in which each discourse operationalise their underlying ideology, according to categories described by Thompson (1990) and Fairclough (2003). We have found that there is a hegemonic dispute around the meaning of the terms “American” and “Un-American” between two modes of representation of the American nation, which remains until today.*

**Keywords:** Hollywood. Antiamericanism. Ideology. Critical Discourse Analysis

## RESUMEN

*En 1947, diez guionistas de Hollywood se negaron a cooperar con una comisión de investigación parlamentaria que investigaba la supuesta inserción de propaganda soviética en las películas. Analizamos cómo se articula en el discurso la oposición política entre los miembros del comité y los diez deponentes. Para eso, seleccionamos algunos extractos de las declaraciones de J. Parnell Thomas e de Albert Matlz en las que cada lado operacionaliza su ideología subyacente, según las categorías de Thompson (1990) y Fairclough (2003). Llegamos a la conclusión de que existe una disputa hegemónica sobre el significado de los términos "American" y "Un-American", entre dos modos de representación de la nación estadounidense, que permanece en la actualidad.*

**Palabras clave:** Hollywood. Antiamericanismo. Ideología. Analisis Crítico del Discurso

## INTRODUÇÃO

“*Hollywood Ten*” foi o nome dado ao grupo de roteiristas e diretores<sup>3</sup> de cinema que se recusaram a colaborar com a comissão parlamentar de inquérito, *House Un-American Activities Committee* (HUAC), instaurada em 1946, com o objetivo de investigar profissionais da indústria cinematográfica dos Estados Unidos. O objetivo do HUAC, criado pela *House of Representatives* (Câmara dos Deputados dos Estados Unidos) era investigar atividades “subversivas” e a disseminação de propaganda “contra-americana”, de forma a fornecer informações que auxiliassem a criação de leis corretivas pelo Congresso. O foco das primeiras oitivas do HUAC foram os profissionais da indústria cinematográfica de Hollywood, cujos depoimentos, corroborados por investigações prévias, expuseram dezenas de indivíduos que haviam tido ou ainda tinham conexões com o Partido

---

<sup>3</sup> Adrian Scott, Albert Maltz, Alvah Bessie, Dalton Trumbo, Edward Dmytryk, Herbert Biberman, John Howard Lawson, Lester Cole, Ring Lardner Jr. e Samuel Ornitz.

Comunista dos Estados Unidos. O resultado foi a criação da chamada “Lista Negra de Hollywood”, que não era uma lista oficial, mas sim uma forma de referir-se a todos os profissionais que, mencionados por outros durante as oitivas ou citados em entrevistas por colegas ou empregadores, eram imediatamente demitidos dos estúdios e não mais contratados por nenhum deles, além de terem suas relações sociais e pessoais também afetadas.

Conforme demonstraremos na seção a seguir, a criação do HUAC foi determinada pela ascensão de uma ideologia específica que passou a ser hegemônica nos Estados Unidos, determinando os rumos das estruturas socioeconômicas do país e de sua política externa. Um dos pilares do discurso sustentado pelos grupos que compartilham dessa ideologia é a representação do conceito de *Americanism* e seu oposto, *Un-Americanism* ou *Anti-Americanism*, pautada, por sua vez, em representações da formação histórica nos Estados Unidos como nação. A esse discurso, defendido pelo HUAC, contrapõe-se o discurso dos *Hollywood Ten*, que agrega posicionamentos considerados de “esquerda”, tais como socialismo, comunismo, trabalhismo, igualitarismo, etc. Esse discurso, graças à hegemonia conquistada por seu opositor, foi marginalizado de tal maneira que até os dias de hoje é mínima sua representatividade nos Estados Unidos.

O volume completo da transcrição das oitivas possui 549, pois foram conduzidas não só com os *Hollywood Ten*, mas também com outros profissionais da indústria que colaboraram e corroboraram as acusações do HUAC (HOUSE OF REPRESENTATIVES, 1947). Nesta pesquisa, analisamos apenas o discurso de abertura do presidente do comitê, J. Parnell Thomas, e a declaração lida por um dos *Hollywood Ten*, Albert Maltz, durante seu depoimento. Esses dois textos são representativos desses discursos porque consistem em pronunciamentos de indivíduos identificados como peças-chave dos respectivos grupos, quais sejam, congressistas imbuídos do papel oficial de investigadores dos subversivos e os indivíduos que foram apontados como líderes dos subversivos em Hollywood, situados em uma prática social que os coloca necessariamente como antagonistas, respectivamente inquiridores e testemunhas/investigados, numa situação comunicativa que exige a defesa das posições apresentadas.

Pretendemos com essa análise verificar de que forma os diferentes discursos representam os conceitos *Americanism/American* e *Un-Americanism/Un-American* e quais implicações essas representações tiveram no contexto das oitivas. O uso do termo “*un-American*” é central em todo o corpus, inclusive no título do próprio comitê. Embora já fosse utilizado desde o início do século XIX, seu uso foi disseminado e intensificado no pós-guerra graças ao HUAC, que passou a fazer parte da rede associativa do termo.

## 1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Vemos no corpus o embate entre duas posições politicamente opostas, em que a hegemônica (do HUAC) tenta vilificar a outra perante a opinião da sociedade estadunidense. Considerando que textos políticos são especialmente marcados pela ideologia dos enunciadores, utilizaremos aqui a definição de ideologia de Eagleton (1991) e sua teoria sobre a relação entre ideologia e discurso, segundo o qual a ideologia é a manifestação do poder na linguagem, seja pela manutenção ou pela ruptura da estrutura social vigente, e as formas como esses interesses são “mascaradas, racionalizadas, naturalizadas, universalizadas, legitimadas em nome de certas formas de poder político<sup>4</sup>” (EAGLETON, 1991, p. 202).

Embora Thompson (1990) tenha uma visão negativa da ideologia, diferentemente de Eagleton, consideramos que os modos de operação da ideologia descritas por ele podem ser operacionalizadas por discursos com base ideológica de manutenção ou de ruptura das estruturas de poder. Para Thompson (1990, p. 81-89), esses modos são realizados por construções simbólicas na linguagem, sendo cinco os modos gerais por meio dos quais as relações de dominação são sustentadas e reproduzidas: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação.

A resistência à massificação por parte do grupo não hegemônico, representado pelos *Hollywood Ten*, é realizada na linguagem com a tentativa de ressignificar os objetos de discurso criados pelo discurso do HUAC. Segundo Bakhtin

A classe dominante tende a conferir signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente [...]. Nas condições habituais da vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta. (BAKHTIN, 2002, p. 47).

Diversas correntes da Análise Crítica do Discurso, por sua vez, procuram dar conta de explicitar a forma como discurso e ideologia são materializados linguisticamente, sendo que seu objetivo é demonstrar maneiras não óbvias em que linguagem e semiose são envolvidas nas relações sociais de poder e dominação (RESENDE; RAMALHO, 2016).

Fairclough (2003) recontextualiza as categorias funcionais da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday como três tipos principais de significado, que são aplicadas como categorias analíticas: significado representacional (discursos – representação de aspectos da realidade), significado identificacional (estilos – construção e negociação de identidades) e significado acional (gêneros – modo de interação em eventos sociais, legitimando ou questionando relações sociais).

---

<sup>4</sup>“*masked, rationalized, naturalized, universalized, legitimated in the name of certain forms of political power*”.

Em nossa análise, nos limitaremos ao significado representacional, que está relacionado ao conceito de discurso como modo de representação da realidade conforme uma perspectiva particular. As relações entre diferentes discursos, ou entre diferentes maneiras de representar os eventos sociais, podem ser de cooperação, de dominação, de competição, assim como as relações entre os atores sociais que os utilizam como recurso para agir no mundo. Fairclough (2003, p. 129) afirma que “os traços distintivos mais óbvios de um discurso serão provavelmente o vocabulário – discursos “denominam” ou “lexicalizam” o mundo de maneiras diferentes<sup>5</sup>”. Alguns dos aspectos a serem considerados nesse tipo de análise são os elementos da sentença (processos, participantes, circunstâncias), exclusão ou inclusão de elementos de eventos sociais, representações concretas ou abstratas de eventos sociais, representação de processos, representação de atores sociais, representação de tempo e espaço e metáfora gramatical.

Selecionamos, portanto, os dois textos mais extensos que representam cada um dos posicionamentos políticos opostos: o discurso de abertura das oitivas, proferido pelo deputado que presidia o comitê na ocasião, J. Parnell Thomas, e a declaração lida pela testemunha Albert Maltz, um dos *Hollywood Ten*.

Em nossa análise, utilizamos os conceitos teóricos e a categoria de significado representacional propostos por Fairclough (2003) e os modos de operação da ideologia propostos por Thompson (1990), sempre pautados pelo conceito de ideologia apresentado por Eagleton (1991), para verificar como são construídos e sustentados os sentidos de *American/Un-American* pelas duas posições antagônicas.

Para analisar os discursos, é necessário primeiramente conhecer suas condições de produção e de circulação. Por isso, fizemos uma pesquisa prévia sobre a conjuntura do episódio em que os textos foram produzidos.

## 2. O EMPREGO DE ‘AMERICAN/UN-AMERICAN’ PELO HUAC: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Antes de passarmos à análise dos textos propriamente dita, faremos um apanhado da conjuntura em que as oitivas ocorreram. Havia nos Estados Unidos, durante as décadas de 1920 e 1930, um movimento sindicalista bastante forte que organizava constantes greves pelos direitos dos trabalhadores, além de outras ações. Esse movimento era apoiado e alimentado por grupos que disseminavam as ideologias socialistas, anarquistas e comunistas trazidas por europeus que imigraram durante e após a Primeira Guerra Mundial. Com a Grande Depressão e a Guerra Civil

<sup>5</sup> “The most obvious distinguishing features of a discourse are likely to be features of vocabulary – discourses ‘word’ or ‘lexicalize’ the world in particular ways.”

Espanhola, o interesse pelas ideias propagadas por esses grupos era cada vez maior. O *New Deal*, conjunto de medidas adotadas pelo governo de Franklin Delano Roosevelt para retomar o crescimento econômico no início dos anos 30, embora tenha sido criticado por esses movimentos por representar um socorro ao sistema capitalista que já demonstrava sua fragilidade, foi acusado de “comunista” pelos setores mais conservadores. Já havia, desde a Revolução Russa, uma forte oposição ao Comunismo, que era tido como “*un-American*” (SCHRECKER, 2002, p. 12). Com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra, contudo, a União Soviética passou a ser aliada e, assim, o fascismo passou a ser o inimigo “*un-American*” por excelência.

Com o fim da Guerra e com a morte do presidente democrata Franklin D. Roosevelt, por um lado os Estados Unidos saíram fortalecidos e prontos para assumir a liderança no cenário internacional e, por outro, as forças mais conservadoras do país passaram a dominar o Congresso e procuravam desconstruir a imagem do governo anterior, acusando-o de fazer propaganda soviética, entre outros. Os conservadores representavam a elite financeira e as grandes corporações, que não estavam contentes com o movimento sindical e com as conquistas alcançadas pelos trabalhadores com o *New Deal*. Para complicar ainda mais esse cenário, os Estados Unidos iniciavam uma corrida contra a União Soviética para ampliar sua área de influência no âmbito internacional, propagandeando os soviéticos e seu regime comunista como os inimigos da nação que deveriam ser derrotados a todo custo. Assim, o período entre o final dos anos de 1940 até o final dos anos de 1960, conhecido como “macarthismo”, ficou marcado por intensa repressão política e perseguição aos cidadãos estadunidenses críticos do sistema vigente.

O HUAC foi criado como comitê especial de investigação em 1938 para investigar atividades subversivas, porém, devido ao início da Segunda Guerra, não avançou muito em seus trabalhos. Em 1945, tornou-se comitê permanente regido pela “*Public Law 601*” (Anexo 1), que autorizava o comitê a investigar

(i) a extensão, caráter e objetos de atividades de propaganda contra-americana nos Estados Unidos (ii) a difusão dentro dos Estados Unidos de propaganda subversiva e contra-americana instigada por países estrangeiros ou de origem doméstica e que ataca o princípio da forma de governo como está garantido em nossa Constituição, e (iii) todas as outras questões relacionadas que possam auxiliar o Congresso em qualquer legislação corretiva necessária.<sup>6</sup> (ESTADOS UNIDOS, 1946, p. v)

O item (iii) é importante porque demonstra exatamente a intenção do comitê: introduzir leis que tornassem ilegais as associações a partidos ou instituições cuja ideologia fosse contrária à estrutura vigente. O fato de ser membro do Partido Comunista, por exemplo, não era crime, pois o

---

<sup>6</sup> As traduções dos textos citados neste artigo são nossas.

Partido era legal. Assim, a intenção das investigações e oitivas conduzidas pelo comitê era de expor os indivíduos de forma que fossem “condenados” pela própria sociedade estadunidense, que estava em sua maioria sob a hegemonia da ideologia conservadora.

Tendo já investigado e reunido provas de que diversos profissionais, especialmente roteiristas, que trabalhavam em estúdios de Hollywood eram ou haviam sido membros do Partido Comunista, e considerando a repercussão que alcançariam com essa “revelação”, o HUAC decidiu intimidar dezenas de pessoas ligadas à indústria cinematográfica para depor, durante dez dias de oitivas, em Washington. Dezenove dos intimados disseram que não colaborariam, sendo que dez deles foram efetivamente convocados a depor, os *Hollywood Ten*. Em todos os depoimentos, o Comitê questiona as testemunhas sobre sua opinião em relação ao comunismo e se conhecem ou têm informação sobre pessoas ligadas ao Partido Comunista. Com exceção dos dez, os demais denunciaram colegas e corroboraram as alegações do HUAC.

Confiantes de que a conduta do comitê era inconstitucional, os *Hollywood Ten* adotaram a mesma estratégia de defesa, que era não responder às perguntas alegando que a livre associação e expressão, assim como a privacidade sobre elas, estavam garantidas pela Constituição. Contudo, essa estratégia não foi bem-sucedida na prática, pois eles foram condenados a um ano de prisão por desacato ao Congresso, além de terem sofrido o ostracismo imposto pela indústria de cinema e pela sociedade em geral.

## 2.1 O discurso de J. Parnell Thomas

As oitivas com os profissionais de Hollywood tiveram início em 20 de outubro de 1947 em Washington, com a presença de diversos veículos de imprensa e de associações da sociedade civil. Nascido em 1895 e representante na Câmara do estado de New Jersey desde 1937, J. Parnell Thomas era o presidente do HUAC. Antes de entrar para a política, foi corretor de ações. Foi opositor do Presidente Franklin D. Roosevelt e do *New Deal*, alegando que as iniciativas de Roosevelt “sabotaram o sistema capitalista”. Alguns anos depois das oitivas, em 1950, foi preso sob a acusação de corrupção e fraude.

Analisaremos a seguir o discurso de abertura proferido por J. Parnell Thomas (Anexo 2), com o objetivo de verificar de que forma o termo “*un-American*” é representado e como a ideologia do Comitê de Atividades Contra-Americanas é operacionalizada por essa representação.

Conforme categorização de Thompson (1995, p. 81-89), é possível notar diversas estratégias simbólicas na fala de Thomas, que correspondem a diferentes modos de operação de ideologias.

Selecionamos dois desses modos, legitimação e fragmentação, para exemplificar a forma como ocorrem no texto:

### **Legitimação**

Para legitimar relações de dominação, uma das estratégias possíveis é a universalização, na qual interesses específicos são apresentados como interesses gerais. No exemplo abaixo, “América” e “Estados Unidos” são entidades contra a qual o poder soviético se levanta. Oculta-se que a relação de hostilidade se dá entre os governos constituídos na ocasião, que não necessariamente representam os desejos e interesses de todos os grupos que ali vivem. Também é ocultado nesse exemplo o fato de que não só a União Soviética, mas também os Estados Unidos tinham planos de dominação do mundo, ainda que com estratégias diferentes.

*[Exemplo 1] The vituperation leveled at the United States by this new international Communist organization clearly indicated that America is considered the chief stumbling block in the Soviet plans for world domination*

[Os vitupérios dirigidos aos Estados Unidos por essa nova organização internacional Comunista indicam claramente que a América é considerada o principal obstáculo para os planos soviéticos de dominação do mundo]

### **Fragmentação**

A fragmentação cria uma segmentação entre indivíduos e grupos que possam representar uma ameaça ao grupo dominante. As estratégias utilizadas no trecho abaixo são expurgo do outro (construção simbólica de um inimigo) e diferenciação (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo). Cria-se um inimigo simbólico, os “Comunistas” e dividem-se os trabalhadores em duas classes: aqueles que são leais e patriotas e aqueles que são comunistas e, portanto, inimigos não só do governo, mas também dos outros trabalhadores:

*[Exemplo 2] the fact that the Committee on Un-American Activities is investigating alleged Communist influence and infiltration in the motion-picture industry must not be considered or interpreted as an attack on the majority of persons associated with this great industry. I have every confidence that the vast majority of movie workers are patriotic and loyal Americans.*

[o fato de o Comitê de Atividades Contra-Americanas estar investigando supostas influências e infiltração Comunista na indústria cinematográfica não deve ser considerada ou interpretada como um ataque à maioria das pessoas associadas a essa grande indústria. Eu tenho total confiança de que a grande maioria dos trabalhadores do cinema são Americanos leais e patriotas.]

Temos portanto, a construção do objeto de discurso “*American*” em oposição a “*Soviet*” e “*Communist*”, caracterizados como “*Un-American*”. Seguiremos verificando as formas como o significado representacional desses objetos é construído. No trecho abaixo, destacamos a seleção lexical para representação de “*un-American*”:



**[Exemplo 3]** *With such vast influence over the lives of American citizens as the motion-picture industry exerts, it is not unnatural — in fact, it is very logical — that subversive and undemocratic forces should attempt to use this medium for un-American purposes.*

[Com tão vasta influência exercida sobre as vidas dos cidadãos Americanos pela indústria cinematográfica, não é anormal – na verdade, é bastante lógico - que forças subversivas e não democráticas tentassem utilizar esse meio para propósitos contra-americanos.]

No trecho acima, não se diz claramente quais ou o quê seriam “propósitos contra-americanos”, porém há uma impersonalização dos agentes no uso da nominalização genérica “forças subversivas e não democráticas”, que não apenas fortalecem a noção de um inimigo a ser combatido como caracterizam o “un-American” como aquilo que é contra a democracia. A democracia, por sua vez, é colocada em oposição a governos totalitários, como no exemplo abaixo:

**[Exemplo 4]** *The ultimate purpose of the Communists is a well-established fact. Despite sporadic statements made to the contrary for reasons of expediency, the Communist movement looks to the establishment of Soviet-dominated, totalitarian governments in all of the countries of the world, and the Communists are willing to use force and violence to achieve this aim if necessary.*

[O propósito final dos Comunistas é um fato bem estabelecido. Apesar de declarações esporádicas contrárias com motivações oportunistas, o movimento Comunista objetiva o estabelecimento de governos totalitários dominados pelos soviéticos em todos os países do mundo, e os Comunistas estão dispostos a utilizar a força e a violência para alcançar esse objetivo se necessário.]

O “*Americanism*” é, portanto, identificado com a democracia e também com um estado pacífico, uma vez que se opõe aos meios violentos dos Comunistas. São excluídos da representação, por razões óbvias, elementos que denotam o uso de violência também por parte do governo estadunidense contra seus inimigos externos e também contra grande parte da sua própria população. É importante ressaltar que esses inimigos são sempre identificados com agentes estrangeiros, ou, quando são internos, estão a serviço daqueles, e não em busca de melhores condições para o país:

**[Exemplo 5]** *We want to know what strategic positions in the industry have been captured by these elements, whose loyalty is pledged in word and deed to the interests of a foreign power.*

[Queremos saber que posições estratégicas na indústria foram captadas por esses elementos, cuja lealdade é prometida em palavras e ações aos interesses de um poder estrangeiro.]

Observamos também metáforas de guerra utilizadas para construir a ideia de que o inimigo trabalha de forma oculta contra os interesses da nação, e pode atacar a qualquer momento (vide destaques nos exemplos 6 e 7 abaixo). É nítido que havia em todos os discursos hegemônicos desse período a intenção de manter um estado de tensão, que instava o povo a reagir, denunciando os “inimigos” quando os encontrasse.

**[Exemplo 6]** *The problem of Communist infiltration is not limited to the movie industry. That even our Federal Government has not been immune from the menace is evidenced by the fact that \$11,000,000 is now being spent to rid the Federal service of Communists. Communists are also firmly entrenched in control of a number of large and powerful labor unions in this country. Yet simply because there are Communist union leaders among the longshoremen or seamen, for example, one does not infer that the owners of the shipping industries are Communists and Communist sympathizers, or that the majority of workers in those industries hold to an un-American philosophy. So it is with the movie industry.*

[O problema da infiltração Comunista não está limitado à indústria de cinema. Que até mesmo nosso Governo Federal não esteja imune da ameaça é evidenciado pelo fato de que \$ 11.000.000 estão sendo gastos agora para livrar a administração federal dos Comunistas. Os Comunistas estão também firmemente entrincheirados no controle de vários grandes e poderosos sindicatos de trabalhadores neste país. Porém simplesmente porque há líderes de sindicatos Comunistas entre os estivadores e marinheiros, por exemplo, não se infere que os proprietários das indústrias navais são Comunistas e simpatizantes dos Comunistas, ou que a maioria dos trabalhadores dessas indústrias possui uma filosofia contra-americana. O mesmo ocorre com a indústria cinematográfica.]

**[Exemplo 7]** *Prominent figures in the motion-picture business have been engaged in a sort of running battle over Communist infiltration for the last 4 or 5 years and a number of anti-Communist organizations have been set up within the industry in an attempt to combat this menace.*

[Figura proeminentes do mercado cinematográfico estiveram engajadas numa batalha contínua contra a infiltração Comunista nos últimos 4 ou 5 anos e algumas organizações anticomunistas foram criadas dentro da indústria numa tentativa de combater essa ameaça.]

Para finalizar, verificamos na segunda sentença do exemplo 6, uma passivação que omite os atores responsáveis pelo dispêndio (*is now being spent*). Essa estratégia coloca em evidência a cifra (\$11.000.000) que está sendo empregada para “livrar” no governo dos comunistas; não há margem para contestação da afirmação de que há infiltração no governo ou para questionar se tal medida é necessária.

## 2.2 O discurso de Albert Maltz

Albert Maltz nasceu em Nova York em 1808 e foi dramaturgo, romancista e roteirista, tendo sido indicado ao prêmio Oscar em 1945 pelo roteiro do filme “Uma Luz nas Trevas” (*Pride of the Marines*). Foi membro ativo do Partido Comunista, famoso por ter publicado um artigo em que criticava escritores comunistas por produzirem trabalhos de qualidade inferior por colocarem suas preocupações políticas acima das artísticas. Após cumprir sua sentença, mudou-se para o México, de onde continuou a escrever sob pseudônimos. Somente na década de 1970 voltou a ser contratado por produtoras dos Estados Unidos.

Apenas Maltz e Alvah Bessie, dentre os *Hollywood Ten*, foram autorizados pelo HUAC a ler declarações redigidas previamente durante seu depoimento. A seguir, destacaremos alguns trechos

do depoimento de Maltz em que é possível verificar de que forma o discurso oposto representa o conceito “*un-American*”.

**[Exemplo 8]** *If it requires acceptance of the ideas of this committee to remain immune from the brand of un-Americanism, then who is ultimately safe from this committee except members of the Ku Klux Klan?*

[Se é necessário aceitar as ideias deste comitê para permanecer imune à insígnia do antiamericanismo, então quem estará a salvo deste comitê exceto membros do Ku Klux Klan?]

No exemplo acima, o “*un-Americanism*” é representado como um construto do comitê que inclui todos os que possuem ideias divergentes das suas. Nesse sentido, em seguida Maltz enumera quais seriam essas ideias, colocando-se como apoiador de medidas de interesse da população Americana que não tiveram apoio de Thomas e Rankin, membros do comitê. Ao nomear os agentes, o efeito de sentido produzido é de responsabilização individual dessas pessoas por seus atos:

**[Exemplo 9]** *Very well, then, here is the other reason why I and others have been commanded to appear before this committee — our ideas. In common with many Americans, I supported the New Deal. In common with many Americans I supported, against Mr. Thomas and Mr. Rankin, the antilynching bill. I opposed them in my support of OPA controls and emergency veteran housing and a fair employment practices law.*

[Muito bem, esta é outra razão pela qual eu e outros fomos convocados a nos apresentar diante deste comitê – nossas ideias. Assim como muitos Americanos, eu apoiei o New Deal. Assim como muitos Americanos eu apoiei, diferentemente do Sr. Thomas e do Sr. Rankin, a lei antilinchamento. Eu me contrapus a eles ao apoiar os controles de preço e de aluguel, a habitação emergencial para veteranos e a lei para práticas justas de emprego.]

A representação dos discursos concorrentes continua no trecho seguinte:

**[Exemplo 10]** *I will take my philosophy from Thomas Payne, Thomas Jefferson, Abraham Lincoln, and I will not be dictated to or intimidated by men to whom the Ku Klux Klan, as a matter of committee record, is an acceptable American institution.*

[Tomo minha filosofia de Thomas Payne, Thomas Jefferson, Abraham Lincoln, e não serei controlado ou intimidado por homens para os quais o Ku Klux Klan, como consta nos registros do comitê, é uma instituição Americana aceitável.]

No exemplo 10, o enunciador representa seu próprio posicionamento político como equivalente ao dos referentes Thomas Payne, Thomas Jefferson e Abraham Lincoln<sup>7</sup>, portanto colocando o discurso do HUAC em oposição aos ideais representados por essas figuras, importantes na história da constituição dos Estados Unidos como república democrática. Ao mesmo tempo, representa o ator social coletivo HUAC como “*men*”, ou seja, tomando-os como indivíduos mesmo,

<sup>7</sup> Thomas Paine (1737-1809) foi um intelectual britânico defensor do Iluminismo, cujos escritos influenciaram o movimento de independência dos Estados Unidos. Thomas Jefferson (1743-1826) foi o principal autor e um dos signatários da Declaração de Independência dos Estados Unidos e o terceiro presidente do país. Abraham Lincoln (1809-1865) foi o 16º presidente dos Estados Unidos e teve como marco de sua gestão a abolição da escravidão no país.

e não uma entidade, humanizando e responsabilizando-os mais uma vez por sua atitude de leniência com o Ku Klux Klan, que notadamente era uma instituição violenta e antidemocrática.

**[Exemplo 11]** *Above all, I challenge the right of this committee to inquire into my political or religious beliefs, in any manner or degree, and I assert that not only the conduct of this committee but its very existence are a subversion of the Bill of Rights.*

[Acima de tudo, eu contesto o direito deste comitê de inquirir sobre minhas crenças políticas ou religiosas, de qualquer forma ou grau, e assevero que não apenas a conduta deste comitê mas sua própria existência são uma subversão da Constituição.]

**[Exemplo 12]** *I would rather die than be a shabby American, groveling before men whose names are Thomas and Rankin, but who now carry out activities in America like those carried out in Germany by Goebbels and Himmler.*

[Eu prefiro morrer a ser um Americano desprezível, rebaixando-me diante de homens cujos nomes são Thomas e Rankin, mas que agora conduzem atividades na América como aquelas conduzidas na Alemanha por Goebbels e Himmler.]

**[Exemplo 13]** *The American people are going to have to choose between the Bill of Rights and the Thomas committee.*

[O povo Americano terá que escolher entre a Constituição e o comitê do Thomas].

Nos exemplos 11 a 13 há uma inversão em relação à representação dos Comunistas no discurso de J. Parnell Thomas: são os congressistas do HUAC os que atentam contra a Constituição, uma vez que não respeitam os direitos por ela garantidos aos cidadãos estadunidenses. Além disso, suas ações são comparadas àquelas dos líderes nazistas Goebbels e Himmler, identificando mais uma vez o comitê com práticas tidas também como “*un-American*” e opostas à Constituição do país.

### 2.3 Desdobramentos

Embora o HUAC tenha sido descreditado posteriormente até mesmo pelo próprio Congresso, devido sobretudo à utilização de dispositivos inconstitucionais e por não ter conseguido comprovar sua alegação de que Hollywood disseminava propaganda soviética e comunista em seus filmes, é possível afirmar que sua atuação, apoiada e replicada continuamente pelos veículos de comunicação, foi bem-sucedida no sentido de ter conseguido massificar sua visão em relação às ideologias não capitalistas.

Como observa SCHRECKER (2002, p. 104), o macarthismo produziu um efeito devastador para a atividade política do país e para o exercício do pensamento divergente. A ideologia propagada pelo HUAC firmou-se definitivamente como hegemônica – ser “*American*” é ser a favor do liberalismo econômico e das liberdades individuais acima inclusive de interesses coletivos, além de da crença de que os Estados Unidos são os guardiões da democracia no mundo. Os partidos que se revezam no poder até hoje, Republicano e Democrata, apresentaram poucas diferenças em suas agendas ao longo do tempo, enquanto outros partidos passaram a ter expressão praticamente nula.

Recentemente, alguns representantes de linhas mais progressistas têm conseguido certa influência dentro do Partido Democrata, como é o caso da deputada Alexandria Ocasio-Cortez e do senador Bernie Sanders. No entanto, para a maior parte do eleitorado e de instituições estadunidenses, eles são considerados *anti-American* e radicais em suas posições em defesa de medidas governamentais mais protetivas (GINGRICH, 2019; OLSON, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos observar no *corpus* analisado o embate entre dois discursos concorrentes, engajados numa luta hegemônica pelo consenso em torno da representação de um conceito importante para a identificação do povo estadunidense como nação. Por um lado, o discurso hegemônico representado pelo HUAC caracteriza o “*Americanism*” como um ideal de democracia pacífica que se opõe a regimes totalitários e violentos que querem destruí-lo. Os interesses subjacentes ao discurso hegemônico são aqueles das grandes corporações, de *Wall Street*, em suma, dos capitalistas que viam grandes oportunidades de lucro a partir do posicionamento dos Estados Unidos como potência global. Não interessava a esses atores as reivindicações dos grupos representados no discurso concorrente, quais sejam, melhores condições de trabalho, igualdade de direitos para americanos nativos e afro-americanos, *welfare state*, etc. Para esse discurso, que se tornou hegemônico ao longo do século XX e até os dias de hoje, o conceito de “*American*” significa dizer que as liberdades individuais e, sobretudo os lucros privados, estão acima dos interesses coletivos.

Do outro lado, o discurso contra-hegemônico representado pelos *Hollywood Ten* procura representar o “*Americanism*” como um estado ideal de liberdade de crença, expressão e pensamento do indivíduo independentemente de sua posição na sociedade. Tal liberdade garantiria, inclusive, o direito do indivíduo de se contrapor ao governo da nação e suas instituições, caso esses não exerçam seu papel de assegurar a todos os cidadãos as garantias da Constituição.

O consenso alcançado pelo discurso hegemônico conservador, em grande parte baseado na cultura do medo e da desconfiança em relação a países estrangeiros e a qualquer forma de pensamento em desacordo com a lógica capitalista, causou o lamentável resultado de homogeneizar completamente o discurso político do país, de tal forma que qualquer tentativa de aproximação com abordagens mais socialistas ou com vistas à igualdade civil é condenada como radical demais e “antiamericana” até os dias de hoje. O macarthismo e a guerra ideológica da Guerra Fria acabaram relegando o discurso contra-hegemônico à periferia minoritária do *mainstream* político.

Atualmente, o discurso político faz eco ao discurso do HUAC. São caracterizados como “*un-American*” pelo discurso hegemônico, além dos “Comunistas”, como são chamados não apenas os

países de orientação socialista, mas também políticos mais progressistas, também os islâmicos, alvos constantes de ataques e perseguições perpetradas pelos Estados Unidos em nome da democracia. Assim como os soldados islâmicos de hoje, os comunistas também eram denominados “terroristas” pelos congressistas e demais agentes do Estado. Contudo, é preciso considerar o que está dissimulado ou oculto nessa forma de representação, uma vez que os métodos e conduta dos Estados Unidos em relação aos seus opositores são tão violentos e contestáveis quanto aos dos tidos como “terroristas”, embora esse termo não seja jamais aplicado a qualquer instituição representante do “*Americanism*”.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- EAGLETON, T. **Ideology: an introduction**. London: Verso, 1991.
- ESTADOS UNIDOS. Public Law 601. 79th Congress, chapter 753, 2d session. Washington, 1946.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse: Textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.
- GINGRICH, Newt. Bye Democratic Party – You're being transformed into an anti-American engine of radical change. In: *Fox News*, 16 out. 2019. <https://www.foxnews.com/opinion/newt-gingrich-rip-democratic-party-youre-being-transformed-into-an-anti-american-engine-of-radical-change>. Acesso em 30/07/2020.
- HOUSE OF REPRESENTATIVES. **Hearings regarding the communist infiltration of the motion picture industry**. Hearings before the Committee on Un-American Activities. Washington: Government Printing Office, 1947 (<https://archive.org/details/hearingsregardin1947aunit>. Acesso em 25/07/2020).
- OLSON, Emily. Why Bernie Sanders lost the Democratic presidential primary to Joe Biden. In: *ABC News*, Washington, 8 abr. 2020. <https://www.abc.net.au/news/2020-04-09/how-bernie-sanders-lost-to-joe-biden/12135900>. Acesso em 30/07/2020.
- RESENDE, V. M. ; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2016, 2ed.
- SCHRECKER, Ellen. *The Age of McCarthyism. A Brief History with Documents*. Second Edition. Boston: Bedford/St.Martin's, 2002.
- THOMPSON, J. B. **Ideology and Modern Culture: Critical and Social Theory in the Era of Mass Communication**. Cambridge: Polity Press, 1990.

## ANEXO 1

### PUBLIC LAW 601, 79TH CONGRESS

The legislation under which the House Committee on Un-American Activities operates is Public Law 601, 79th Congress [1946], chapter 753, 2d session, which provides:

*Be it enacted by the Senate and House of Representatives of the United States of America in Congress assembled, \* \* \**

## PART 2-RULES OF THE HOUSE OF REPRESENTATIVES

### RULE X

#### SEC. 121. STANDING COMMITTEES

\* \* \* \* \*

17. Committee on Un-American Activities, to consist of nine Members.

### RULE XI

#### POWERS AND DUTIES OF COMMITTEES

\* \* \* \* \*

(q) (1) Committee on Un-American Activities.

(A) Un-American activities.

(2) The Committee on Un-American Activities, as a whole or by subcommittee, is authorized to make from time to time investigations of (i) the extent, character and objects of un-American propaganda activities in the United States, (ii) the diffusion within the United States of subversive and un-American propaganda that is instigated from foreign countries or of a domestic origin and attacks the principle of the form of government as guaranteed by our Constitution, and (iii) all other questions in relation thereto that would aid Congress in any necessary remedial legislation.

The Committee on Un-American Activities shall report, to the House (or to the Clerk of the House if the House is not in session) the results of any such investigation, together with such recommendations as it deems advisable.

For the purpose of any such investigation, the Committee on Un-American Activities, or any subcommittee thereof, is authorized to sit and act at such times and places within the United States, whether or not the House is sitting, has recessed, or has adjourned, to hold such hearings, to require the attendance of such witnesses and the production of such books, papers, and documents, and to take such testimony, as it deems necessary. Subpenas may be issued under the signature of the chairman of the committee or any subcommittee, or by any member designated by any such chairman, and may be served by any person designated by any such chairman or member.

## ANEXO 2

**Discurso de J. Parnell Thomas, presidente do *House Un-American Activities Committee*, na abertura das oitavas, em 20 de outubro de 1947**

Before this hearing get under way, I would like to call attention to some of the basic principles by which the Committee on Un-American Activities is being guided in its investigation into alleged subversive influence in America's motion-picture industry.

The committee is well aware of the magnitude of the subject which it is investigating. The motion-picture business represents an investment of billions of dollars. It represents employment for thousands of workers, ranging from unskilled laborers to high-salaried actors and executives. And even more important, the motion-picture industry represents what is probably the largest single vehicle of entertainment for the American public — over 85,000,000 persons attend the movies each week.

However, it is the very magnitude of the scope of the motion-picture industry which makes this investigation so necessary. We all recognize, certainly, the tremendous effect which moving pictures have on their mass audiences, far removed from the Hollywood sets. We all recognize that what the citizen sees and hears in his neighborhood movie house carries a powerful impact on his thoughts and behavior.

With such vast influence over the lives of American citizens as the motion-picture industry exerts, it is not unnatural — in fact, it is very logical — that subversive and undemocratic forces should attempt to use this medium for un-American purposes.

I want to emphasize at the outset of these hearings that the fact that the Committee on Un-American Activities is investigating alleged Communist influence and infiltration in the motion-picture industry must not be considered or interpreted as an attack on the majority of persons associated with this great industry. I have every confidence that the vast majority of movie workers are patriotic and loyal Americans.

This committee, under its mandate from the House of Representatives, has the responsibility of exposing and spotlighting subversive elements wherever they may exist. As I have already pointed out, it is only to be expected that such elements would strive desperately to gain entry to the motion-picture industry, simply because the industry offers such a tremendous weapon for education and propaganda. That Communists have made such an attempt in Hollywood and with considerable success is already evident to this committee from its preliminary investigative work.

The problem of Communist infiltration is not limited to the movie industry. That even our Federal Government has not been immune from the menace is evidenced by the fact that \$11,000,000 is now being spent to rid the Federal service of Communists. Communists are also firmly entrenched in control of a number of large and powerful labor unions in this country. Yet simply because there are Communist union leaders among the longshoremen or seamen, for example, one does not infer that the owners of the shipping industries are Communists and Communist sympathizers, or that the



majority of workers in those industries hold to an un-American philosophy. So it is with the movie industry.

I cannot emphasize too strongly the seriousness of Communist infiltration, which we have found to be a mutual problem for many, many different fields of endeavor in the United States. Communists for years have been conducting an unrelentless "boring from within" campaign against America's democratic institutions. While never possessing a large numerical strength, the Communists nevertheless have found that they could dominate the activities of unions or other mass enterprises in this country by capturing a few strategic positions of leadership.

This technique, I am sorry to say, has been amazingly profitable for the Communists. And they have been aided all along the line by non-Communists, who are either sympathetic to the aims of communism or are unwilling to recognize the danger in Communist infiltration.

The ultimate purpose of the Communists is a well-established fact. Despite sporadic statements made to the contrary for reasons of expediency, the Communist movement looks to the establishment of Soviet-dominated, totalitarian governments in all of the countries of the world, and the Communists are willing to use force and violence to achieve this aim if necessary.

The United States is one of the biggest obstacles to this movement. The fact was startlingly illustrated recently by the open announcement of the Communist International — a world-wide party organization dedicated to promoting world-wide Communist revolution, which previously operated underground.

The vituperation leveled at the United States by this new international Communist organization clearly indicated that America is considered the chief stumbling block in the Soviet plans for world domination and is therefore the chief target in what we might call the Soviet Union's ideological war against non-Soviet governments.

There is no question that there are Communists in Hollywood. We cannot minimize their importance there, and that their influence has already made itself felt has been evidenced by internal turmoil in the industry over the Communist issue. Prominent figures in the motion-picture business have been engaged in a sort of running battle over Communist infiltration for the last 4 or 5 years and a number of anti-Communist organizations have been set up within the industry in an attempt to combat this menace.

The question before this committee, therefore, and the scope of its present inquiry, will be to determine the extent of Communist infiltration in the Hollywood motion-picture industry. We want to know what strategic positions in the industry have been captured by these elements, whose loyalty is pledged in word and deed to the interests of a foreign power.

The committee is determined that the hearings shall be fair and impartial. We have subpoenaed witnesses representing both sides of the question. All we are after are the facts.

Now, I want to make it clear to the witnesses, the audience, the members of the press, and other guests here today that this hearing is going to be conducted in an orderly and dignified manner at all times. But if there is anyone here today or at any of the future sessions of this hearing who entertains any hopes or plans for disrupting the proceedings, he may as well dismiss it from his mind.

### ANEXO 3

#### **Declaração de Albert Maltz lida durante seu depoimento ao *House Un-American Activities Committee*, em 28 de outubro de 1947**

I am an American and I believe there is no more proud word in the vocabulary of man. I am a novelist and a screen writer and I have produced a certain body of work in the past 15 years. As with any other writer, what I have written has come from the total fabric of my life — my birth in this land, our schools and games, our atmosphere of freedom, our tradition of inquiry, criticism, discussion, tolerance. Whatever I am, America has made me. And I, in turn, possess no loyalty as great as the one I have to this land, to the economic and social welfare of its people, to the perpetuation and development of its democratic way of life.

Now at the age of 39, I am commanded to appear before the House Committee on Un-American Activities. For a full week this committee has encouraged an assortment of well-rehearsed witnesses to testify that I and others are subversive and un-American. It has refused us the opportunity that any pickpocket receives in a magistrate's court — the right to cross-examine these witnesses, to refute their testimony, to reveal their motives, their history, and who exactly, they are. Furthermore it grants these witnesses congressional immunity so that we may not sue them for libel for their slanders.

I maintain that this is an evil and vicious procedure; that it is legally unjust and morally indecent — and that it places in danger every other American, since if the rights of any one citizen can be invaded, then the constitutional guaranties of every other American have been subverted and no one is any longer protected from official tyranny.

What is it about me that this committee wishes to destroy? My writings? Very well, let us refer to them.

My novel, *The Cross and the Arrow*, was issued in a special edition of 140,000 copies by a wartime Government agency, the armed services edition, for American servicemen abroad.

My short stories have been reprinted in over 30 anthologies, by as many American publishers — all subversive, no doubt.

My film, *The Pride of the Marines*, was premiered in 28 cities at Guadalcanal Day banquets under the auspices of the United States Marine Corps.

Another film, *Destination Tokyo*, was premiered aboard a United States submarine and was adopted by the Navy as an official training film.

My short film, *The House I Live In*, was given a special award by the Academy of Motion Picture Arts and Sciences for its contribution to racial tolerance.

My short story, *The Happiest Man on Earth*, won the 1938 O. Henry Memorial Award for the best American short story.

This, then, is the body of work for which this committee urges I be blacklisted in the film industry — and tomorrow, if it has its way in the publishing and magazine fields also.

By cold censorship, if not legislation, I must not be allowed to write. Will this censorship stop with me? Or with the others now singled out for attack? If it requires acceptance of the ideas of this committee to remain immune from the brand of un-Americanism, then who is ultimately safe from this committee except members of the Ku Klux Klan?

Why else does this committee now seek to destroy me and others? Because of our ideas, unquestionably. In 1801, when he was President of the United States, Thomas Jefferson wrote:

Opinion, and the just maintenance of it, shall never be a crime in my view; nor bring injury to the individual.

But a few years ago, in the course of one of the hearings of this committee, Congressman J. Parnell Thomas said, and I quote from the official transcript :

I just want to say this now, that it seems that the New Deal is working along hand in glove with the Communist Party. The New Deal is either for the Communist Party or it is playing into the hands of the Communist Party.

Very well, then, here is the other reason why I and others have been commanded to appear before this committee — our ideas. In common with many Americans, I supported the New Deal. In common with many Americans I supported, against Mr. Thomas and Mr. Rankin, the antilynching bill. I opposed them in my support of OPA controls and emergency veteran housing and a fair employment practices law. I signed petitions for these measures, joined organizations that advocated them, contributed money, sometimes spoke from public platforms, and I will continue to do so. I will take my philosophy from Thomas Payne, Thomas Jefferson, Abraham Lincoln, and I will not be dictated to or intimidated by men to whom the Ku Klux Klan, as a matter of committee record, is an acceptable American institution.

I state further that on many questions of public interest my opinions as a citizen have not always been in accord with the opinions of the majority. They are not now nor have my opinions ever

been fixed and unchanging, nor are they now fixed and unchangeable; but, right or wrong, I claim and I insist upon my right to think freely and to speak freely; to join the Republican Party or the Communist Party, the Democratic or the Prohibition Party; to publish whatever I please; to fix my mind or change my mind, without dictation from anyone; to offer any criticism I think fitting of any public official or policy; to join whatever organizations I please, no matter what certain legislators may think of them. Above all, I challenge the right of this committee to inquire into my political or religious beliefs, in any manner or degree, and I assert that not only the conduct of this committee but its very existence are a subversion of the Bill of Rights.

If I were a spokesman for General Franco, I would not be here today. I would rather be here. I would rather die than be a shabby American, groveling before men whose names are Thomas and Rankin, but who now carry out activities in America like those carried out in Germany by Goebbels and Himmler.

The American people are going to have to choose between the Bill of Rights and the Thomas committee. They cannot have both. One or the other must be abolished in the immediate future.